

O NASCER DO NEGRO NO BRASIL: Parentalidade e Psicanálise

Tatiane Rodrigues Zaram Alcântara

psitatiezaram@yahoo.com



Graduada em Psicologia pela Universidade de Taubaté e Pós-graduada em Psicanálise, Perinatalidade e Parentalidade pelo Instituto Gerar, em São Paulo. É Psicanalista pelo Instituto Brasileiro de Psicanálise Contemporânea, Polo Guaratinguetá, mantendo seus estudos pelo Instituto Gerar, em São Paulo. Está cursando o Curso-Teórico Vivencial Psicologia e Relações Racial no Instituto AMMA Psique e Negritude. Desenvolve trabalhos clínicos (presencial e online) voltados para mulheres na gestação, parto e pós-parto. Envolvida atualmente em grupos de pesquisa para melhor compreender as dificuldades psicológicas raciais e a saúde mental da mulher negra e o seu paralelo com a realidade brasileira, tem como foco principal, o estudo, a parentalidade e as relações raciais das crianças e famílias que a recebem.

O NASCER DO NEGRO NO BRASIL: PARENTALIDADE E PSICANÁLISE

THE BIRTH OF THE BLACK IN BRAZIL: PARENTING AND PSYCHOANALYSIS

EL NACIMIENTO DEL NEGRO EN BRASIL: CRIANZA Y PSICOANÁLISIS

Resumo

Este artigo tem como objetivo introduzir a possibilidade de pensar sobre o nascer do negro no Brasil. Um estudo entre a Parentalidade e a Psicanálise, numa edificação atravessada pelo fato histórico-social que origina a vida do negro e suas conformações psíquicas em dias atuais. Transcorrendo entre três grandes autores: Frantz Fanon (1983), Neusa Santos Souza (1983) e Isildinha Baptista Nogueira (1998), privilegia-se o pensar sobre a mulher e mãe negra.

Palavras-chave: Racismo. Parentalidade. Psicanálise. Relações raciais. Família inter-racial.

Abstract

This brief article aims to introduce the possibility of thinking about the birth of black people in Brazil. A study between Parenthood and Psychoanalysis, in a building crossed by the historical-social fact that originates the life of black people and their psychic conformations in today. Taking place between three great authors: Frantz Fanon (1983), Neusa Santos Souza (1983) and Isildinha Baptista Nogueira (1998), the thinking about the black woman and mother is privileged.

Keywords: Racism. Parenting. Psychoanalysis. Race relations. Interracial family.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo introducir la posibilidad de pensar en el nacimiento de personas negras en Brasil. Un estudio entre Parenthood y Psychoanalysis, en un edificio atravesado por el hecho histórico-social que origina la vida de los negros y sus conformaciones psíquicas en la actualidad. Entre tres grandes autores: Frantz Fanon (1983), Neusa Santos Souza (1983) e Isildinha Baptista Nogueira (1998), se centra en pensar en la mujer negra y la madre.

Palabras clave: Racismo. Crianza de los hijos. Psicoanálisis. Relaciones raciales. Familia interracial.

INTRODUÇÃO

O nascer das pessoas negras no Brasil é atravessado pelas relações raciais e, referente este fato, a Psicanálise pode auxiliar a desvelar o racismo presente em tais relações. Embora alguns de nós, negros, saibamos que boa parte de nossa condição de sofrimento social é causada pelo racismo, os ideais dos brancos ainda existem e influenciam nossa vida. Esse ideal é imposto como parâmetro de beleza, pureza artística, estética, moral e sabedoria científica (NOGUEIRA, 2017).

O objetivo principal será discorrer sobre as significações do ser negro, a partir de seu nascimento e durante o transcorrer de sua vida, compreender as formas de representações na sociedade, enquanto Ser, e sua parentalidade.

O método adotado para atingir este objetivo foi a revisão da literatura de três grandes autores da Psicanálise e das Relações Raciais: Frantz Fanon (1983), Neusa Santos Souza (1983) e Isildinha Baptista Nogueira (1998), e a articulação de seus textos com a temática da parentalidade.

Além disso, recorro a tradição das feministas negras, também usada pela Grada Kilomba (2019), a qual escrevo em primeira pessoa como narradora da minha própria realidade, saindo do papel de objeto de pesquisa do Outro, para sujeito que conta a própria história. Este fato também justifica o uso predominante de textos escritos por autores negros.

Assim, a escolha do tema ocorreu por eu ser mulher negra e mãe. Percebi que há um “habituá-lo”, diariamente, com as marcas das práticas racistas, em todos os seus níveis e das mais variadas formas, tendo como resultado um silenciar-se, que percebo não ser só meu, mas também compartilhado com outras mulheres negras.

O racismo é um processo social e psicológico que atravessa a vida do negro, podendo interferir na construção de sua subjetividade. O racismo marca o sujeito e sua família. Desta forma, nós, profissionais da Parentalidade e da Psicanálise, precisamos ampliar o olhar sobre o tema de maneira a escutar genuinamente os pacientes negros que atendemos.

O nascer do negro no Brasil

O negro no Brasil é marcado pela experiência da escravidão que marca o seu lugar como inferior diante do branco. Isto aparece nas relações raciais, sociais, no modo como as pessoas negras são tratadas pela branquitude (SOUZA, 1983).

Nogueira (2017) acredita que o negro pode suportar a dor do racismo se essa dor puder se tornar história, reconhecida como realidade sociocultural que se inscreve na psique desta pessoa, uma vez que ela nasce já inserida dentro de um quadro político, econômico, histórico e social.

Com relação à essa inserção, Souza (1983) expressa que o mundo no qual estamos inseridos, nos mostra qual é o “nosso lugar”, o que é permitido, o que é proibido ou o que é obrigado a fazer, com relação a sentir ou expressar-se. Só deste modo nos é dado o direito de existir, e a autora ainda discorre que a situação familiar é o primeiro lugar onde o “ego ideal” pode ser desenvolvido. Depois, há vida nas ruas, escola, trabalho, lugares de lazer. Muitas vezes, é no segundo momento, repleto de novas experiências, que o “ego ideal” pode ser confrontado e ressignificado.

Para Fanon (1983) precisamos prestar atenção especial em como as crianças entram em contato com a realidade negra. Ela pode ser boa ou má, depende de como a apresentamos. Assim, representações boas como ilustrações, canções e até livros de histórias podem desempenhar um papel importante na vida dessas crianças.

No entanto, os negros nascem com a marca do "corpo negro" que, no mundo, expressa a possibilidade da eliminação cultural pela negação ou, até mesmo, concreta pelo assassinato promovido, inclusive pelo Estado (ALMEIDA, 2019). Presos na formação cultural, nós negros temos feito esforços ilimitados, tentando nos configurar como sujeitos (NOGUEIRA, 1999).

De acordo com Souza (1983), é preciso esclarecer dois conceitos básicos - narcisismo e ideal do eu. A partir disso, pode constituir um modelo ideal, perfeito ou quase, o que mostra ao negro questões sobre sua imagem e o investimento em seus ideais. Em seguida, atravessa o confronto entre o ideal de ego, mesmo vindo da função parental, e a realidade racista de seu meio social. Desta forma, o ideal de ego é formado pelas identificações com os pais e, com o que a sociedade diz o que o sujeito precisa alcançar.

Para Souza (1983) os negros do qual estamos falando apresenta "ego ideal" branco. O negro do qual falamos é uma pessoa que nasceu, sobreviveu e está imerso na ideologia que lhe foi imposta pela branquitude. O trabalho psíquico da pessoa negra é, entre outros, buscar um ideal de eu correspondente com seu corpo e com sua história enquanto membro de uma cultura inserida em outra que o marginaliza.

No caso de uma gestante negra, compreendendo ser uma mulher já marcada pelo racismo estrutural¹, como construirão sua parentalidade se ainda estiver operando a partir do eu ideal branco?

Parentalidade e racismo

Dentro deste contexto, retomarei o conceito de narcisismo primário de Freud (2010a) e seu processo de idealização ao objeto, uma vez que no processo da parentalidade os pais projetam seus próprios narcisismos nos filhos. Esses pais também podem ter um eu ideal branco e o projetarem nos filhos, uma vez que também estão inseridos na sociedade racista. Fanon (1983) discorre que a vida das mulheres e homens negros pode apresentar falta de apreço, pois normalmente careceram de amor e de compreensão na primeira infância.

Nogueira (1999) apresenta inúmeras características e atributos que a sociedade impõe à mulher negra para que ela seja reconhecida como humana, abrangendo os planos: morais, intelectuais e físicos, religiosos.... Apesar de todas estas imposições, o corpo da mulher negra não será reconhecido como o corpo de uma mulher, mas sim, como um corpo diferente, estrangeiro. Ela seria, no máximo, “a sambista, a mulata, a doméstica, heranças desse passado histórico” (NOGUEIRA, 1999, pg. 44). Por esta razão, uma mãe negra pode desejar um bebê branco para que ele não passe pelo que ela própria sentiu “na pele”.

Significações do ser negro

O que nos constitui enquanto sujeitos, é o olhar do Outro, mas como se constitui o negro diante de um olhar da sociedade que é racista? (NOGUEIRA, 2017).

Neusa Souza (1983) em sua obra Tornar-se Negro, afirma que ser negro é um vir a ser, e não é uma condição dada *a priori*. Para tanto, é importante reconhecer a História contada pelos brancos e, também, a História contada pelos negros. Assim, veremos que os brancos criaram o colonialismo, o imperialismo, o anti-semitismo, o nazismo, o stalinismo, a escravidão e muitas outras formas de despotismo e opressão. Assim, veremos que não representamos o mal, pelo contrário, fomos atingidos pelo mal construído pela branquitude. Sabendo disso, podemos parar de nos identificar com o mau, o feio e o falso, como a branquitude nos impôs.

Na perspectiva de Fanon (1983), o racismo seria projeção de conteúdos reprimidos de uma raça sobre a outra raça. Nogueira (2017), nesta mesma linha, cita um ponto importante, o negro representado pelo branco aparecerá como um objeto que deve ser rejeitado.

Assim, como apontado por Souza (1983) o branco foi e é a personificação das ideias e da razão, produzindo um racionalismo em que o branco é o único artesão e herdeiro legal do progresso e desenvolvimento humano, a própria cultura, civilização e, portanto, a construção da humanidade.

Portanto, é importante entender que o problema dos negros não se limita aos negros que vivem entre brancos, mas inclui também os negros explorados, escravizados e insultados pelas sociedades capitalistas e coloniais e, mais do que isto, o racismo não é um problema dos negros, é um problema dos brancos (FANON, 1983).

Identidade e identificação

Escrever sobre a identidade e identificação negra, parte-se da hipótese se é difícil para o negro alcançar uma identidade homônima, e se essa identidade permite que ele se integre e desempenhe um papel na conquista da melhoria social. Em uma sociedade de classes onde os brancos ocupam o poder, e o poder de decisão, os negros que querem avançar atuam a partir dos signos brancos para tentar superar os obstáculos causados racismo (SOUZA, 1983).

Nogueira (1998) expressa a existência de uma estrutura psicológica que estaria contaminada por condições objetivas, a partir do plano inconsciente, tornando-os sujeitos frágeis e, deste modo são capturados e mantidos dentro da identificação de um processo de desumanização, o que resulta em dificuldades de construir uma identidade própria.

De acordo com Souza (1983), viver em torno do eu ideal faz com que o prazer esperado nunca encontre realmente um objeto de satisfação. Qualquer substituto para o objeto original será defeituoso, imperfeito e limitado. O desejo está destinado a ser incompleto, o que é natural quando se analisa o ser humano, porém, além dessa natureza humana, o negro ainda carrega consigo uma identificação capturada pela branquitude, e passa não só a ter um desejo destinado a ser incompleto, mas ainda sentir como se sua identidade tivesse sido apagada ou mesmo não tivesse sido criada.

Neste contexto, como explicar a persistência dessa situação no século XXI?

Para Souza (1983) a identidade do negro é composta por mitos e imagens, e se estrutura como sintoma: é um sistema opaco de ignorância e reconhecimento, e sua origem fictícia causa todas as ambiguidades. A identidade constituída por contradições está sujeita à ideologia central e é determinada pela história pessoal e pela primeira história inscrita da formação social.

Fanon (1983) propõe um ponto importante para reflexão: os lobos, demônios, gênios do mal, gente malvada e selvagem, esses, são sempre representados por negros ou indígenas. Os brancos são aventureiros e missionários que correm o risco de serem comidos por predadores malignos. Assim, a mitologia que Neusa Santos Souza falava, se mantém presente na vida de brancos e negros até hoje.

Desta forma, Fanon (1983), afirma que, como maneira de se proteger, o negro se identifica com os exploradores, homens “civilizados” e brancos. Com isso, jovens negros adotam uma atitude subjetiva branca. No entanto, no teste de realidade, percebe sua identidade como irreal. Segundo Souza (1983) o sujeito negro tenta preencher a lacuna entre o eu ideal e a realidade, à custa de sua possível felicidade e, até mesmo, do equilíbrio espiritual, com identificações normativas.

Desse modo, todo ideal do negro torna-se um ideal de voltar ao passado que não aconteceu, que ele poderia ter sido um branco, ou, na projeção do futuro, de que seu corpo deveria desaparecer. Sabemos da existência de pessoas negras que desejam ficar brancas, ou seja, desejam a própria extinção. Seu plano é deixar de existir no futuro. Seu desejo não existe ou nunca existiu (SOUZA, 1983).

Para Souza (1983), no Brasil, ter pele negra ao nascer, sofrer com o desenraizamento, ter passado pela escravidão ou discriminação racial, não constituem em si, a identidade negra. O que daria para fazer para ter uma identidade é desejar ser branco, o que seria “uma utopia” (SOUZA, 1983, p. 77). Essa utopia, conforme a autora, faz com que os negros se limitem em “roupas brancas”. É uma espécie de aceno de cabeça para ele com um ideal inatingível. Produziu uma espécie de ferida narcisista nos negros.

De acordo com Souza (1983), essa identificação vai contra a formação de uma identidade.

Representações do corpo negro

Para Souza (1983) as questões raciais são feridas. As "feridas" do corpo tornam-se da "feridas" da mente. Os pensamentos que são forçados a não representar a verdadeira identidade do sujeito são essencialmente pensamentos incompletos. Assim, há um conflito. No caso do Brasil, conforme Borges (2017) é preciso pensar no racismo como forma estruturante da sociedade brasileira.

Enquanto o corpo grego é exaltado, o corpo negro é desprezado, humilhado. usando adjetivos para "nariz largo" como "batata", cabelo crespo como "cabelo ruim", sempre lembrar da bunda, atrelando o negro ao "primitivismo" sexual (SOUZA, 1983), fazendo parte da nossa cultura. Para alguns negros, negar a realidade pode aliviar a dor do racismo, e resolvem, mudar o cabelo, o nariz, o corpo para chegar o mais próximo possível da branquitude (SOUZA, 1983).

Refletir estas colocações é reportar-se a Fanon (1983) ao expor que em algum momento, o negro foi encerrado em seu próprio corpo e, portanto, o corpo não é a razão para a estrutura da consciência, ele se tornou o objeto da consciência, e este sentimento constituirá grande relevância. Esta relevância existe, ao ser ressaltado o que dispõe Souza (1983), de que os sujeitos constroem uma afirmação sobre sua identidade tendo como um dos objetivos criar uma estrutura psíquica harmoniosa, visto que o corpo humano é considerado o lugar e a fonte de vida e diversão, e para que isto seja alcançado, as inevitáveis circunstâncias de dor impostas ao corpo devem ser "esquecidas", porque só desse modo que esses sujeitos poderão continuar a amar e cuidar de suas vidas.

O sujeito como objeto da pesquisa

É para expor a raiva que sinto que escrevo: raiva de algo que foi estruturado e que por muito tempo me foi roubado o direito de ser. Raiva das muitas vezes, em que, para mim ficou nítido, de que nessa sociedade tem “lugar de preto e lugar de branco”, e sempre me vem um medo pré-consciente de não pertencimento. Mas fico consciente, porque não posso paralisar.

Neste tópico, trarei minha vivência pessoal, apresentando em algumas linhas, algumas experiências refletindo sobre mim a partir dos autores que sustentam o texto. Poderia discorrer sobre toda minha vida, no entanto, discorro sobre o nascer da minha filha que, parafraseando Jerusalinsky (*apud* NOGUEIRA, 1998, p.92) já existia em mim muito antes de nascer e muito antes de ser gerada. Na minha primeira análise, recordo do dia que falei, sobre o sonho de me tornar mãe: o medo inconsciente de vir uma criança negra era presente, em pensar o quanto essa criança seria atravessada pelo racismo, imperava.

Quando engravidei, esse renascer foi para mim e por ela, por sermos diferentes. Ela nasceu com o tom da pele mais clara, assim como minha mãe é, e a maioria da minha família, por parte de mãe. Minha pequena, que eu levava nos braços, mesmo tendo traços parecidos, nós somos diferentes. Uma das minhas lutas diárias são essas comparações, entre as diferenças de cores, ou até mesmo o ondulado do cabelo. Sou filha de mãe branca e minha avó tem olhos verdes, dito aqui desses olhos, com a significação de que são claros para enxergar o outro além de uma cor, o que não ocorre com outros indivíduos, em que não conseguem alcançar essa clareza do olhar, para conseguir enxergar o outro além de uma cor. Por isso, todo esse meu movimento é para quebrar esse paradigma com minha filha.



***“Ao nascer do filho, a
mãe negra acessa
toda forma de
negação e afirmação
de sua raça.” (p. 34)***

Imagem: Mohamed Hassan

Praticamente em todo período de gestação, transcorreu os problemas específicos do “passar mal” gestacional que normalmente ocorreria somente na fase inicial, porém ao graduar Psicologia, recorro da observação de que quando uma gestante vomita muito na gestação, está querendo colocar para fora algo de ruim que está inconsciente, uma forma de rejeição. Meu pensamento: “mas eu não estou negando minha filha é algo fisiológico”. Hoje, após muita análise pessoal e vários *insights*, eu sei que vomitava toda forma de rejeição que tive na vida, com minha negritude, tudo que escutava sobre como minha filha seria ao nascer, vomitava todo preconceito, todo padrão de beleza. Vomitei e fiquei muito forte para aguentar o que estava por vir, novamente, sem me paralisar.

E eis que minha filha vem para meus braços, uma bebê branca, dos cabelos lisos e com os olhinhos puxados! Pensando sobre o nascimento de um bebê que vem de uma família inter-racial, precisamos refletir sobre eles - os bebês: “Ah! Os bebês precisam ser lindos, os que nascem com os olhos claros, são os mais cobiçados”. Será? Discorrendo sobre esses assuntos, me vem em mente “Sua majestade, o bebê”.

Lembro que, quando minha filha nasceu, escutei a seguinte frase: “nossa ela é linda, parece uma japonesa”. Ao ir fazer o exame do pezinho a enfermeira fez a seguinte pergunta: “Qual é a cor dela?” Meu esposo respondeu: “parda” e a enfermeira insistiu: “não é branca não?” Ele respondeu: “Foi registrada como parda”. Esse foi o primeiro baque que meu esposo levou, ele me olhou e disse: “ela é branca?”, me olhando assustado, “nós dois somos de cor diferente”. Exato! Somos todos diferentes! Nós brasileiros, vivemos em e entre famílias inter-raciais. Se deparar com o diferente, gera confusão, e precisamos estar sempre preparados! Será?

Considerando o narcisismo primário de Freud (1914/2010a) que é trazer ao presente, pelos pais, seus desejos recalcados e transferir ao filho que se espera, revivendo seu narcisismo primário, seria dizer que os pais revisitam toda sua história de vida. Assim, é preciso ponderar que, mesmo quebrando o que é ruim, este poderá aparecer na gestação, mas a riqueza dos costumes e tradições, importante legado herdado dos antepassados, também virão à tona, e estes que devem sobressair no pensamento das famílias inter-raciais, na transgeracionalidade ou a transmissão psíquica entre gerações

Diante de famílias inter-raciais, é bom ficarmos atentos e pensarmos sempre nesse ponto do racismo, sabendo que cada sujeito passará de uma forma singular e subjetiva a sua história pessoal enquanto pertencente a um povo. Ao nascer do filho, a mãe negra acessa toda forma de negação e afirmação de sua raça. Pode ser uma quebra de paradigma enorme, no meu caso foi. Por isto, estou aqui, tentando mostrar um pouco da minha história, para que cada um que estiver lendo possa refletir!

Considerações finais

A Psicanálise foi usada como instrumento para pensar o nascer, o crescer e a parentalidade do negro no Brasil. O objetivo deste trabalho, foi discorrer sobre minhas inquietudes vividas enquanto mulher negra. Sei que ao falar de mim, posso falar de muitas outras e ajudar a aprimorar os procedimentos dos profissionais da parentalidade, além de proporcionar o interesse de que novas pesquisas se aprofundem mais neste aspecto, considerando que a singularidade do sujeito negro faz parte da natureza humana.

Obviamente, cabe a negros e não negros atingir este objetivo, até porque o mito negro é feito de imagos fantasmagóricas compartilhadas por ambos. Um motivo maior para que tal compromisso seja comum, é nosso desejo de construir um mundo onde não seja mais necessário dividi-lo entre negros e brancos. Porém, como objeto de opressão, cabe ao negro liderar a luta, ocupando o lugar de sujeito ativo, lugar a partir do qual se consegue uma real libertação (SOUZA, 1983).

No entanto, no desenvolver desse artigo, mesmo me baseando em psicanalistas negros, vale uma observação: nossa psicanálise foi transformada por brancos, o que faz pensar na frase de Borges (2017, p. 9): “A psicanálise não é só a solução, é um sintoma no Brasil”.

O silêncio dos negros e dos brancos, da repressão, pode acontecer a qualquer momento. Assim, estou preocupada com os negros que desempenham funções parentais, assim como me preocupo comigo, mãe e mulher negra. Sei que ainda há um longo caminho a percorrer e me posiciono, neste momento, como resistência. Já se fala sobre o negro há muito tempo, mas não percebem que na realidade, para o negro poder ser negro, ele quer ser “esquecido”, para restaurar seu poder, seu verdadeiro poder. Para tanto, falar dessa violência é também me violentar, sabendo que, assim irei me libertar, a mim, e a outros.

Para tanto, há a necessidade de mobilizar a atuação dos psicólogos e psicanalistas para refletir sobre inconscientes branquitude e negritude. Fanon (1983) nos diz que devemos nos livrar dos obstáculos e caminhar, sermos corajosos e entrar em contato com a realidade. A luta contra o racismo é na dialética entre o eu e o Outro. Precisamos do eu e do Outro para sermos NÓS.

O contexto familiar é o primeiro lugar onde inicia a constituição do sujeito. E ali, onde se cuida para arar o caminho a ser percorrido, constrói seu projeto de chegar lá. Depois, há vida nas ruas, escola, trabalho, espaços de lazer. Muitas vezes é nestes segundos lugares, carregados, que encontramos novas experiências que podem ser boas ou ruins (SOUZA, 1983).

Assim, é preciso pensar sobre uma educação não racista - construção que o imperativo raça não impere - construção do sujeito. Como psicanalista, compartilho da posição exposta por Fanon (1983) de que é preciso ajudar meu paciente a aumentar sua consciência para parar de tentar o branqueamento alucinatório, mas agir para mudar a estrutura social, desconstruindo o imaginário branco.

Na obra de Souza (1983, p.16), Costa expõe ao escrever o Prefácio:

De Reich, todos conhecemos a exortação que tornou-se quase um símbolo de alerta contra a alienação. Escuta, Zé Ninguém! De Fanon, também conhecemos a mensagem vigoroso, emitida no mesmo diapasão: Escuta, branco! Deste trabalho parece, surgir, agora um apelo de timbre idêntico: Escuta, Psicanalista! Presta atenção a essas vozes que agora nos fez ouvir. Ela nos mostra o que fomos capazes de ver. Seus olhos, como disse Genet de Jackson, "são claros. Eu disse claros e não azuis." (COSTA, 1983).

Deixo aqui a minha contribuição e continuação: Escuta Profissionais da Parentalidade! Os olhos de Vera Iaconelli diretora do Instituto Gerar de Psicanálise são claros. "Eu disse claros e não verdes" e sei que seus olhares e ouvidos estão atentos. Escutem o que os negros têm a dizer!

Assim como li na obra de Fanon (1983), levo a comunidade a refletir que não tenho o direito de ficar paralisada(o). Não tenho o direito de me deixar atolar nas determinações do passado. Diante dos brancos, os negros têm um passado a valorizar e uma revanche a liderar.

Em suma, nesse trabalho discorri sobre o negro que sofre racismo, marca de psique, de sua família e das relações raciais. Desta forma, viso alertar os profissionais da parentalidade e psicanalistas sobre a importância do olhar sobre as questões raciais e de como elas atravessam o sujeito.

Esse nível de compreensão, que obviamente não permite que conclusões sejam generalizadas, mas me permite desenvolver hipóteses que podem ser testadas por outros pesquisadores ou por mim mesma, em outro momento, possibilitará conquistar novos rumos. Ao final deste trabalho, gostaria que as pessoas sentissem, como nós, a dimensão aberta da consciência, se posicionando e levantando questionamentos.

Precisamos levar essa temática das questões raciais para as clínicas, rodas, *workshops*, simpósios e instituições, que cheguem questões até as comunidades. Nós, psicanalistas e profissionais da parentalidade, precisamos estar atentos a essas demandas, algo que passa despercebido, que há uma invisibilidade coletiva, mas que hoje eu grito pela consciência desses sujeitos humanos.

NOTA

1 - Segundo Almeida (2019), o racismo estrutural se constitui a partir de um processo histórico e político, em que é perceptível a divisão de uma sociedade entre classes consideradas subalternas das consideradas classe dominante, em que a primeira deve se submeter a exploração e opressão da segunda, e, assim, postas à margem da sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. L. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- BORGES, R. Prefácio. In: KON, N. M.; ABUD, C. C.; SILVA, M. L. (orgs). **O racismo e o negro no Brasil: questões para psicanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2017, p.7-14.
- COSTA, J. F. Da cor ao corpo: a violência do racismo. In: SOUZA, N.S. **Tornar-se negro: ou vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- FANON, F. **Peles negras, máscaras brancas**. Rio de Janeiro: Fator, 1983.
- FREUD, S. (1914) Introdução ao narcisismo. Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916). In: FREUD, S. **Obras completas**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, v. 12, 2010a, p. 14-50.
- KILOMBA, G. **Memórias da plantação** – episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- NOGUEIRA, I. B. Cor e Inconsciente. In: KON, N. M.; ABUD, C. C.; SILVA, M. L. (orgs). **O racismo e o negro no Brasil: questões para psicanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2017, p. 121-126.
- NOGUEIRA, I. B. O corpo da mulher negra. **Pulsional Revista de Psicanálise**. ano XIII, n. 135, p. 40-45, 1999. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/o-corpo-da-mulher-negra-isildinha-b-nogueira.pdf>. Acesso em: 19 set. 2020.
- NOGUEIRA, I. B. **Significações do corpo negro**. São Paulo: Ipusp, 1998. Tese de Doutorado. [Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano].
- SOUZA, N. S. **Tornar-se negro: ou vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1983.

COMO CITAR ESTE TEXTO

Alcântara, T.R.Z. (2021). O nascer do negro no Brasil: Parentalidade e Psicanálise. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, v. 07, n. 02, 19-38.

RECEBIDO EM: 30/06/2021
APROVADO EM: 29/08/2021